



Memórias locais: análise das escrituras de Valdon Varjão sobre Barra do Garças¹

Aline Lopes Murillo²

Resumo: Este artigo debruça-se sobre as obras do escritor local Valdon Varjão com o objetivo de compreender uma versão da construção simbólica da cidade mato-grossense de Barra do Garças. Trata-se de resultados preliminares da pesquisa do mestrado. Alguns estudos antropológicos classificam esses livros como “literatura local”. São produções simbólicas que referenciam lugares, pessoas, grupos e saberes local. Nesse sentido, as narrativas da literatura local visibilizam elementos da constituição de uma memória da comunidade.

Palavras-chave: Barra do Garças, memória coletiva; literatura local.

Local Memory: analysis of the scripures of Valdon Varjão about Barra do Garças.

Abstract: This paper focuses the works of local writer Valdon Varjão in order to understand a version of the symbolic construction of the city of Mato Grosso Barra do Garças. These are preliminary results of the research master’s degree. Some anthropological studies classify these books as "local literature". Symbolic productions are referring to places, people, groups and local knowledges. In this sense, the narratives of local literature make visible elements of the constitution of a memory of the community.

Keywords: Barra do Garças, collective memory, local literature.

1. Introdução: Valdon Varjão e a literatura regionalista.

No final do século XIX, a literatura no Brasil era entendida como representação fiel da sociedade. Os literatos estavam vinculados a uma tendência realista – influência positivista – que se interessava em escrever sobre a sociedade buscando expressar a verdade, a realidade pronta e acabada. Enfocavam-se “racionalidade ao invés de imaginação,

¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentada no VI Seminário Nacional do Centro de Memória: Memória e Patrimônio – Unicamp.

² Aline Lopes Murillo (alinemurillo@gmail.com) é mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS – UFG, bolsista CAPES e membro do Grupo de Estudos do Caribe – UnB.



sistematização ao invés de invenção”³. Porém, segundo Velloso, estabeleceu-se um vínculo entre criação literária e a nação. Essa inclinação perdurou até a o surgimento do Pré-Modernismo no início do século XX.

Os modernistas não deixaram de defender a literatura como transmissão da identidade nacional, no entanto, estavam sintonizados numa vertente literária descompassada com a ideologia do Estado Novo. Aqueles eram desprezados como escritores responsáveis em descrever a realidade social e cultural, devido a sua alegria, suas escritas divertidas, brincalhonas, irônicas e irreverentes. Já os ideólogos do Estado Novo entendiam que a literatura deveria ser concebida de acordo com a função de *construção da nação*.

É necessário que a literatura se mova dentro de uma determinada escala de valores. Esta escala, segundo os ideólogos do regime, deve ser pautada pelos ideais de objetividade científica⁴.

Surge, então, um movimento de escritores que passam a valorizar o mundo rural. Eles entendiam que para realizar uma interpretação da nacionalidade, o ponto de partida deveria ser o regional. Essa tendência considerava que o escritor só se efetuaria brasileiro se as tradições e culturas locais, enfim, o regionalismo fosse realçado na narrativa. É nesse contexto que os ideólogos recebem com louvor o romance da década de 1930⁵.

O romance regionalista dos anos 30 preocupava-se em discorrer sobre a região através de narrativas sobre o sertão. Classificado como romance neonaturalista por Antonio Candido⁶, a literatura deste período foi marcada por “uma inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado [...] preponderância do problema sobre o personagem”. Essas obras se caracterizam como ensaios histórico-sociológicos que realizam pesquisa humana e social, e apresentam um enredo composto por: meio social, paisagem e problema político.

³ VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p. 240.

⁴ *Idem*, p. 244.

⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta, *op. cit.*

⁶ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, p. 123.



No Centro-Oeste brasileiro, a ideia de utilizar a literatura como produtor de identidade chegou duas décadas depois, nos anos 1950. Borges⁷ pressupõe que esse atraso se deva ao isolamento geográfico da região, assim as mudanças de perspectiva, os acontecimentos culturais e históricos chegavam com acentuado retardamento cronológico. Segundo Rodrigues⁸, os escritores goianos viam no regionalismo – gênero literário obsoleto na literatura nacional – um meio para se chegar ao reconhecimento da produção cultural. Tal descompasso entre a literatura nacional e a literatura de Goiás se transformou em empecilho, e a literatura goiana passou a ser vista como provinciana e arcaica, características de uma sociedade agropastoril. Esta atividade que antes incentivou a migração e a conseqüente estabilização no Brasil Central passou a ser relacionada à noção de caipira, atraso, obsoleto. Apesar das dificuldades foi esse o gênero literário que os escritores de Goiás utilizaram para se afirmarem⁹.

Em Mato Grosso, os primeiros representantes da literatura resistiram às tendências instauradas pelo modernismo e, assim como os escritores goianos, sintonizaram-se com a tendência regionalista. Este grupo de literatos foi analisado na perspectiva do poder por Hilda Magalhães¹⁰. Segundo ela, Dom Aquino, na primeira metade do século XX, rejeitou as orientações modernistas e ressaltou a estética romântico-parnasiana em suas obras, que também abordavam o regionalismo. A partir da década de 1950, com a implementação de programas do governo de Getúlio Vargas; o estado passou a receber migrantes de todas as partes do país. A maior interação entre o estado e o governo federal – devido à Marcha para Oeste instrumentalizada pela Fundação Brasil Central e depois aos investimentos realizados pela Sudam e Sudeco – resultou num maior dinamismo no estado. Os escritores da segunda metade do século XX se direcionaram para as questões relacionadas às mudanças sociais e culturais ocorridas a partir da implantação desses programas. É o caso de Ricardo Guilherme

⁷ BORGES, Heloisa Helena de Campos. **O Romance em Goiás: Construção e Singularidades do seu processo narrativo**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG, 1986.

⁸ RODRIGUES, Cintya Maria Costa. **Histórias Sobre Lugares, Histórias Fora de Lugar?: os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás**. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2006.

⁹ *Idem*.

¹⁰ MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Literatura e Poder em Mato Grosso**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.



Dicke, que em suas narrativas “ilustra as relações de poder que se desenvolveram na região”¹¹ durante esse período histórico.

Apesar de ser publicada somente a partir da década de 1980, a literatura de Valdon Varjão pode ser localizada nessa tendência. Ao escrever a história das cidades da região do Vale do Araguaia, Varjão registra nos livros os costumes, as crenças, os eventos, os acontecimentos históricos, os saberes, as pessoas da coletividade. Na sua literatura, Varjão descreve o meio ambiente como lugar de fonte de fartura, relata o sofrimento dos garimpeiros marginalizados pelas elites, o preconceito por parte dos trabalhadores da Fundação Brasil Central em relação aos sertanejos. Em toda a sua obra é possível perceber a preocupação em comprovar a narrativa. O escritor apresenta cópias de cartas, telegramas, decretos, fotografias buscando demonstrar um tom de veracidade científica à sua escritura. Segundo Borges¹² e Velloso¹³, essas são algumas das características dos escritores regionalistas de Goiás da década de 1950.

Valdon Varjão se consolidou como político e historiador, conhecedor da região do Vale do Araguaia. Escreveu 27 livros, onze abordam Barra do Garças. No jornal “A Gazeta do Vale do Araguaia” há uma página dedicada a homenagear o escritor. Escrita por Catarina Tavares¹⁴, a reportagem o reconhece como personagem literário e historiador de Barra do Garças. Segue um trecho:

A obra literária do acadêmico Valdon Varjão, é de um valor inestimável por cultivar a nossa HISTÓRIA e os nossos costumes, apresenta para instruir o presente processo, revela a rara qualidade de um narrador, valorizando suas publicações com pesquisas documentais que são completados com fatos históricos. Valdon Varjão sempre divulgou e propalou a história de Barra do Garças e do Médio Araguaia. [...] Nasceu cearense, mas viveu sua infância em Balisa-Goiás. Fundou a Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste em 1987 [situada no centro de Barra do Garças].

[...]

A dedicação a Barra do Garças não tem limites. Galgou altos cenários eletivos no cenário local, estadual e federal e voltou a ser vereador para encerrar sua carreira como começou: vereador, como diz Valdon Varjão.¹⁵

¹¹ *Idem*, p. 54

¹² BORGES, Heloisa Helena de Campos. **O Romance em Goiás: Construção e Singularidades do seu processo narrativo**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG, 1986.

¹³ VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988.

¹⁴ TAVARES, Catarina. Homenagem ao personagem literário Valdon Varjão. **A Gazeta do Vale do Araguaia**, ano XVII, n. 730, p. 07, 18 a 24 de Jun., 2004.

¹⁵ *Idem*.



Valdon Varjão teve uma infância carente economicamente, com isso, não teve oportunidade de terminar os estudos regulares. No entanto, sua trajetória demonstra uma transformação. Iniciou sua carreira política como vereador e presidente da Câmara Municipal de Barra do Garças em 1957, e alcançou apogeu político quando assumiu o cargo de senador como suplente. Paralelamente, Varjão dedicou-se à literatura¹⁶.

Amante inveterado da cultura, deixa extravasar a sua simpatia registrando a história da terra que o acolheu como filho em livros que guardam em seu vasto relacionamento nos mais variados órgãos públicos e privados, para fundar em 1987, a Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste¹⁷.

Nota-se que a carreira política o ajudou para lançar-se no ambiente literário, pois foi quando não publicava os livros por sua própria conta, o fazia através da editora do Senado Federal.

Valdon Varjão era suplente do senador biônico Gastão Müller e durante os anos 1980 e 1982 assumiu o cargo. Enquanto senador da República, Varjão publicou o livro “Negro sim, Escravo não”. Essa obra é composta por discursos proferidos no Senado Federal sobre a causa negra. Considerado o primeiro negro a ocupar o cargo de senador¹⁸, em seu primeiro discurso Varjão já se declara “homem de cor”¹⁹.

[...]

Mas, se a nossa raça africana se dispôs a perder as suas características específicas, para compor o quadro étnico da nova terra, esta não lhe tem sabido ser grata e vem respondendo à boa vontade com discriminação e o preconceito.

[...]

A Lei Afonso Arinos foi o instrumento de ordem legal colocado ao nosso alcance para o combate à agressão que alguns setores da sociedade branca praticavam com os descendentes afro-brasileiros²⁰.

Valdon Varjão faleceu em 03 de fevereiro de 2008, com 84 anos. Era tabelião a muitos anos do Cartório do 1º Ofício de Barra do Garças, devido a aposentadoria

¹⁶ NASCIMENTO, Maria das Graças Silva. **Valdon Varjão: O escritor e sua obra**. Barra do Garças: [s.n.], 1998. 58 p.

¹⁷ *Idem*, p. 23.

¹⁸ No jornal a Gazeta do Vale do Araguaia nº729, ano XVII há a seguinte informação: “A presença de Valdon Varjão despertou na imprensa o sensacionalismo com reportagens de grandes repercussões devido a sua cor, anunciavam ser o 1º negro no Senado Federal.

¹⁹ VARJÃO, Valdon. **Negro Sim, Escravo Não**. Brasília: [s.n.], 1980, p.9.

²⁰ *Idem*, p. 11-12.



compulsória aprovada pela Justiça por ter mais de 70 anos²¹, teve de se afastar e a senhora Helena Costa Jacarandá foi nomeada como tabeliã substituta. No decorrer desse período, Helena reivindicou a sua nomeação como tabeliã oficial. Devido a essa disputa, Varjão teve complicações de saúde que foram se agravando até culminarem em sua morte²².

Segundo Hayden White²³, as narrativas são produtoras de um espetáculo, assim, podem ser consideradas como um modo de transmitir representações. Para ele, as culturas dispõem de inúmeros gêneros de narrativas para transmitir mensagens. Sendo assim, o texto artístico possui muito mais informação do que o científico por possuir mais códigos, mais níveis de codificação e por conter a subjetividade do narrador em seu corpo. Podemos pensar, então, que esses discursos são constituídos de vários códigos que são entrelaçados por quem narra, e caracterizam o seu talento artístico e de mestre do saber.

Este trabalho parte do pressuposto de que a literatura dos escritores locais são produções simbólicas que trazem as referências dos lugares, pessoas e grupos os quais constituem um conjunto de relações de sujeitos envolvidos. Esses livros traduzem os sentimentos locais e têm o papel de fazer circular esses saberes. Este artigo direcionou a análise para as obras de Valdon Varjão, um escritor e político que escreve sobre o “Vale do Araguaia”, mais especificamente centrado na cidade de Barra do Garças. Essa escolha literária foi a “via de acesso” escolhida para a compreensão de um modo de construção simbólica dos lugares, forjado pelos escritores locais.

É importante destacar aqui que as narrativas sobre lugares são interpretações sobre os acontecimentos vivenciados. Nesse sentido, considera-se que Varjão constrói uma versão da história da cidade baseado em suas próprias memórias e em testemunhos recolhidos. É possível perceber que a história de Barra do Garças se entrelaça com a vida de Varjão, principalmente devido a sua carreira enquanto político. Assim, este trabalho parte do seguinte questionamento: Como Valdon Varjão construiu simbolicamente Barra do Garças? Como o escritor selecionou fatos, pessoas, costumes e constituiu um percurso para criar lugares e espaços em sua literatura?

²¹ Na época, Varjão tinha 78 anos.

²² EX-SENADOR Varjão envolvido em disputa por cartório em Barra. **Diário de Cuiabá**. Cuiabá, MT, n. 10057, 04 set. 2001. Disponível em <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=66864>. Acesso em 20 maio 2010.

²³ WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Contemporânea da História. *RH – Revista da História*, n. 2/3. Primavera, 1991. IFCH/Unicamp. p. 47-89.



As narrativas de Valdon Varjão se relacionam com a noção de Michel de Certeau sobre relatos de espaço. Segundo ele, os relatos são práticas de espaço que selecionam e organizam os lugares num só conjunto. Nesse sentido, podemos considerar que a literatura local institui o lugar “próprio” em que os “elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros”²⁴; e, ao mesmo tempo cria espaços ao temporalizar e organizar os lugares nas narrações.

2. A cidade de Barra do Garças através da lente de Valdon Varjão.

Em termos geográficos a cidade de Barra do Garças está localizada na mesorregião Nordeste Mato-Grossense e microrregião Médio Araguaia, a 15.89° latitude sul e 52.25° longitude a oeste do meridiano de Greenwich. Sua extensão territorial 9.141,84 km² e sua população estimada no censo de 2007 foi de 55.120 habitantes, e seu bioma é o cerrado²⁵. Possui clima tropical sub-úmido com um largo período de estiagem que geralmente acontece durante os meses entre maio e setembro. A precipitação anual é de 1.750mm e a temperatura média anual de 24°C, tendo maior máxima 40°C e menor mínima 0° C já registradas.

Barra do Garças, localizada no centro geodésico do Brasil, é município do estado do Mato Grosso e está encravada aos pés da Serra Azul, uma continuidade da Serra do Roncador. Faz divisa ao Norte com a cidade de Nova Xavantina, ao Sul com Pontal do Araguaia, a Leste com Araguaiana, Oeste com General Carneiro, Nordeste com Novo São Joaquim e a Sudeste com Aragarças. Tem como distritos: Toricoeje, Vale dos Sonhos e Indianópolis²⁶.

Barra do Garças encontra-se na confluência dos rios Garças e Araguaia; está, assim, numa região de fronteira entre os estados de Mato Grosso e Goiás. A divisa com o município de Aragarças é demarcada pelo rio Araguaia; e a cidade de Pontal do Araguaia se distancia devido ao rio Garças. Essas cidades – Barra do Garças, Pontal do Araguaia e Aragarças – são parte da região nomeada de “Vale do Araguaia”. O rio Araguaia é parte da

²⁴ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 13ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 201.

²⁵ Dados coletados no site do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=510180#> em 18 de Maio de 2010.

²⁶ DINIZ, Zélia dos Santos. **Conhecendo Barra do Garças**. 2ª Ed. Barra do Garças, MT: Gráfica Multicor, 2005.



Bacia Hidrográfica Tocantins-Araguaia. Valdon Varjão²⁷ descreve o rio como porta de entrada para os pioneiros, palco para garimpagem e cenário para a Guerrilha do Araguaia. Atualmente é considerado ponto turístico onde a população e os turistas apreciam os saltos de botos cor-de-rosa e praticam esportes náuticos e pesca. Durante a seca formam-se praias na margem direita do rio (em Aragarças). Nas férias de julho organiza-se a “Temporada de Praia do Araguaia”, no qual as prefeituras e a população realizam eventos e se preparam para receber os turistas.

O rio Garças aparece em poucos momentos nas narrativas de Varjão vinculadas a questão do garimpo. Este rio sofreu maiores danos consequentes da extração de pedras preciosas. Durante a atividade garimpeira sua beleza natural foi bastante abalada, contudo ele abriga uma das praias mais famosas e frequentadas da região, a Praia da Arara.

Ao longo de sua formação, as cidades foram palco de muitos eventos históricos refletidos da História Nacional que foram interpretados pelo escritor Valdon Varjão. Como cidadão barra-garcense de coração²⁸, Varjão narra Barra do Garças de diversas formas: romances, poemas, contos, discursos, historiografia. São textos que descrevem passados e presentes, processos de povoamento, costumes, meio ambiente, folclore, festas, lendas dos povoados surgidos às margens do rio Araguaia. Varjão narra as vivências das bandeiras, o contato com indígenas, os costumes dos garimpeiros. Relata a experiência da chegada dos trabalhadores da Fundação Brasil Central, assim como das consequências da inauguração da própria instituição para a região. O escritor, incorporado por suas vivências, pelos costumes de seu povo, reconstitui os eventos e configura uma história peculiar.

Varjão faz um recorte no tempo e no espaço e determina quatro fases da história de Barra do Garças: “Garimpeira”, “Fundação Brasil Central”, “Incentivos Fiscais” e “Gaúchos e Agricultura”. Contudo, as narrativas do autor apresentam os dois primeiros períodos mais elaborados; percebe-se que Varjão dá mais enfoque e prioridade a essas fases. Seguindo orientações de Lévi-Strauss²⁹, o qual afirma que as pesquisas antropológicas devem estar atentas a continuidade cronológica, pois as sociedades existem devido às transformações sucedidas; busca-se encontrar uma cronologia nas narrativas de Valdon Varjão para apresentar aqui a história de Barra do Garças vista através de sua lente cultural.

²⁷ VARJÃO, Valdon. **Janela do Tempo: Homenagem ao passado**. Barra do Garças: [s.n.], 2000.

²⁸ Valdon Varjão era cearense da cidade de Cariús, foi levado pelos seus pais para a região na década de 1920, os quais buscavam riqueza através do garimpo.

²⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.



2.1 O diamante: pedra de fundação de Barra do Garças.

É sabido que a ocupação do espaço onde se encontram hoje os estados de Goiás e de Mato Grosso se iniciou no século XVIII devido, entre outros fatores, ao interesse dos paulistas em escravizar os povos indígenas. Contudo, o fator principal foi a descoberta e exploração do ouro e diamante, que incentivou um movimento de bandeiras e picadas em busca das riquezas nas Minas dos Goyazes³⁰.

A história de Barra do Garças contada por Valdon Varjão inicia-se com a narrativa sobre a bandeira de Manuel de Campos Bicudo, que partiu de Piratininga em 1662 em direção ao oeste brasileiro. Em suas andanças, encontrou a *Serra dos Martírios* e lá, algumas pepitas de ouro³¹.

A notícia da existência de pedras preciosas na região correu por diversas regiões e incentivou a migração para o Vale do Araguaia. Na obra “Barra do Garças no Passado”, Varjão apresenta três histórias – das quais duas ele considera lendas – que relatam o início do povoamento de Barra do Garças. Tais narrativas, segundo ele, contam a origem da cidade. A primeira lenda relatada por ele conta que um pai a beira da morte diz aos filhos que havia enterrado um frasco cheio de diamantes em suas lavouras e que eles deveriam procurá-lo. No entanto, os filhos lavraram a terra por vários anos e nada encontraram, “mas o fruto do trabalho amanhando a terra que seu pai deixara e que representava, figuramente, o tesouro por ele almejado aos filhos”³².

Outra lenda, presente na mesma obra, se refere à pedra S.S. Arraya. Segundo aquela, Simeão da Silva Arraya, junto com seus colegas garimpeiros, enterrou uma garrafa cheia de pedras preciosas em 1871 nas margens do rio Garças perto da foz do córrego Voadeira. Certa vez, quando foram atacados por índios bororos, tiveram de fugir “e enterraram a garrafa num monte de cascalho situado nas proximidades de uma grande pedra na beira do rio”³³. Mas com o início do período chuvoso, o cascalho foi emerso, e quando os

³⁰ MACÊDO FILHA, Maurides Batista de. **A Trajetória do Diamante em Goiás**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG. Goiânia, 1990.

³¹ VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças: Migalhas de sua História**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

³² VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças no Passado**. Brasília: [s.n.], 1980, p. 34.

³³ *Idem*, p. 60.



garimpeiros voltaram, resolveram marcar a pedra para servi-lhes de orientação com os dizeres “S.S. Arraya – 1871”. Acredita-se que a pedra, considerada a Pedra de Fundação da cidade, seja a que se encontra na Praça Domingos Mariano a margem do encontro dos rios Garças e Araguaia.

A terceira história contada por Varjão é sobre o garimpo de diamantes no Vale do Araguaia, na qual ele relata que um fazendeiro cujo apelido era Cajango perguntou a um bororo chamado André sobre a existência de pedras brilhantes nos cascalhos e córregos da região. André disse já ter visto tais pedras no “pontal do córrego Cassunga com o Garças [...]e que na aldeia eles as denominavam de “tori-cuiêje” (pedra que brilha como estrela)”³⁴. No entanto, quando Canjango decidiu fazer uma busca na região, o cacique da aldeia negou as informações.

O cacique, resmungando, usou gestos agressivos e pouco amigáveis, fato que levou os aventureiros à desistência, nos domínios daquela aldeia, pois já não havia grande quantidade de caça para a alimentação tribal, os peixes fugiam e os frutos silvestres já escasseavam com a frequência de transeuntes. A presença fixa de exploradores por certo iria esgotar ainda mais o meio de viver daquela aldeia.³⁵

Certa vez um grupo de viajantes passou por lá e Canjango resolveu contratá-los para outra investida. Seguiram ao pontal do Cassunga, por fim encontraram diamantes e foram os primeiros moradores da região.

Contudo, é na figura de Antônio Cristino Côrtes que Varjão deposita a imagem de fundador de Barra do Garças. Um dos capítulos do livro “Barra do Garças: Um pouco de sua História” é dedicado a esse personagem e se intitula: “Antônio Cristino Côrtes: fundador da cidade”. Neste trecho da obra, Varjão conta que Côrtes nasceu em Boa Vista do Padre João (hoje Tocantinópolis), mas foi na cidade de Pedro Afonso que se constituiu homem público através da política e da educação. Na busca pela borracha, Côrtes foi para Registro do Araguaia (hoje Araguaiana). Após algum tempo, busca mais uma aventura: a busca por pedras preciosas no rio Garças³⁶.

³⁴ *Idem*, p. 75.

³⁵ VARJÃO, Valdon. Início do Povoamento nos Garimpos de Mato Grosso. **Garimpeiros: Visionários da Esperança**. Brasília: [s.n.], 1987, p. 56.

³⁶ VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças: Um pouco de sua História**. Barra do Garças: [s.n.], [199-?], p.VII-X.



A 1ª Fase Garimpeira [foi] vivida nos anos de 1924 a 1942, quando um grupo de garimpeiros, liderados por Antônio Cristino Côrtes e Francisco Bispo Dourado, instalou-se na região à procura das gemas preciosas, edificaram as primeiras casas, alinharam as primeiras ruas e através da propaganda e da afluência de nordestinos, deram início à povoação³⁷.

Durante essa fase, pelo Decreto nº. 32 de 21 de dezembro de 1935³⁸, foi criado o distrito de paz de Barra Cuiabana do município de Araguaiana – antigo Registro do Araguaia³⁹. Na fase da Fundação Brasil Central, classificada por Varjão como a segunda fase da história de Barra do Garças, a sede do município é transferida para o distrito de Barra Cuiabana – atual Barra do Garças⁴⁰. Segundo Varjão⁴¹, o distrito estava mais próspero que a sede municipal devido a presença da Base da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central no povoado Barra Goiana – hoje Aragarças. Além disso, “a eleição do comerciante Antônio Paulo da Costa Bilego e de quatro dos cinco vereadores residentes em Barra do Garças provocou a necessidade da mudança da sede da municipalidade”⁴². Com a transferência da sede do município, Barra Cuiabana passa a ser denominada Barra do Garças.

É importante destacar aqui que Valdon Varjão foi filho de garimpeiro e exerceu a ocupação durante a sua juventude. Em seguida, insere-se no meio político começando como secretário da prefeitura até tornar-se senador. É possível perceber que a narrativa se entrelaça a sua própria história de vida. Segundo Edward Said⁴³, as narrativas escritas são moldadas pelo contexto histórico e as experiências vivenciadas pelo escritor. Assim, as vivências de Varjão direcionam suas escolhas na criação de uma versão da história de Barra do Garças.

2.2 Fundações Brasil Central

³⁷ *Idem*, p. 9.

³⁸ Informação extraída do site do IBGE: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/barradagarcas.pdf>

³⁹ Segundo Varjão (s/d), o Decreto nº.161, de 21 de Abril de 1932 alterou a denominação de Registro do Araguaia para Araguaiana.

⁴⁰ Ribeiro (2005) afirma que Barra do Garças era chamada de Barra Cuiabana desde a década de 1920 até o final da década de 1940.

⁴¹ VARJÃO, Valdon. **Janela do Tempo: Homenagem ao passado**. Barra do Garças: [s.n.], 2000, p. 9.

⁴² É nesse mandato (1947/1950), considerado o primeiro do município de Barra do Garças, que Valdon Varjão inicia sua carreira política como secretário da prefeitura.

⁴³ SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. 2ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2005.



O período demarcado por Varjão referente à permanência da Fundação Brasil Central, na região do Vale do Araguaia, vai do ano de 1943 a 1964. E é narrado pelo escritor com saudosismo. Em 4 de outubro de 1943, sob orientações do Ministro João Alberto, o presidente Vargas cria, sob o decreto nº. 5.878, a Fundação Brasil Central⁴⁴.

Esse programa foi consequência da política de ocupação e progresso do governo de Getúlio Vargas, a Marcha para Oeste. Tinha como objetivo, em primeiro lugar, desbravar os territórios desconhecidos, e, em decorrência, iniciar o processo de povoamento da região. Segundo Varjão, a Fundação

Criou o quadro administrativo de funcionários e servidores da entidade e estabeleceu programas de ação e atividades, que só teve maior atuação a partir de 24 de abril de 1944 com a nomeação do seu primeiro presidente, o Ministro João Alberto de Lins e Barros e secretariada pelo Dr. Arthur Hehel Neiva⁴⁵.

Instalada em 1943, na então Barra Goiana⁴⁶, o programa desenvolvimentista trouxe “um afluxo de progresso e melhoramentos à região, importando novos costumes (...)”⁴⁷. Esse período é lembrado com nostalgia pelo autor, pois foi a partir daí que a cidade de Barra do Garças superou econômica e politicamente grandes municípios vizinhos como Balisa, Lageado, Rio Bonito e Iporá. Durante esse período foram construídas as pontes sobre os rios Garças e Araguaia que ligaram as cidades de Barra do Garças, Pontal do Araguaia⁴⁸ e Aragarças, inaugurada em 1956, pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

Em entrevista ao projeto jornalístico Rota Brasil Oeste, Valdon Varjão responde pergunta a respeito da recepção da Fundação Brasil Central pelos moradores:

Valdon Varjão - Muito bem! A Fundação Brasil Central trazia incentivo, dinheiro e muitos empreendimentos para nós. A região teria crescido ainda mais se o ideal original do presidente Getúlio Vargas e do Ministro João Alberto não tivesse sido desvirtuado. Eu adoro o Orlando e sempre fui amigo dele, troco correspondências com ele até hoje. Mas eu acho que os irmãos Villas Bôas desvirtuaram a intenção original que era colonizar toda essa região construindo estradas e novas cidades. A idéia não era catequizar índio e nem fazer Parque Indígena. O suicídio do Getúlio foi a derrota para nossa região. Quando Juscelino Kubitschek assumiu isso já tava

⁴⁴ VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças no Passado**. Brasília: [s.n.], 1980, p. 51.

⁴⁵ *Idem*, p. 51-52.

⁴⁶ A criação do município de Aragarças ocorreu pela lei nº 788, de 02 de outubro de 1953.

⁴⁷ VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças: Um pouco de sua História**. Barra do Garças: [s.n.], [199-?], p. 36.

⁴⁸ Nesta época, Pontal do Araguaia era distrito de Torixoréu. Através da lei nº 5.907 de 20 de dezembro de 1991 foi criado o município de Pontal do Araguaia, desmembrado de Torixoréu (VARJÃO, s/d, p. 88).



tudo feito. Brasília foi construída sob influência do trabalho da Fundação Brasil Central⁴⁹.

Em “Barra do Garças no Passado”, Valdon Varjão conta que após o suicídio de Vargas em 24 de agosto de 1954, Dr. Café Filho assumiu a Presidência da República. Este cancelou as verbas destinadas a programas de colonização do Brasil Central. Com isso, a entidade ficou estagnada. Por fim, a FBC foi substituída pela Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO) e os funcionários da FBC foram obrigados a fixarem-se em outros órgãos ou a aposentarem-se como ociosos, “pois tais funções passam a ser desnecessárias”⁵⁰.

Contudo, ao ler o período denominado por Varjão por “Incentivos Fiscais”, podemos perceber que a SUDECO e a SUDAM, durante o Regime Militar, investiram no desenvolvimento econômico da região, através de incentivos fiscais, principalmente nas cidades do estado do Mato Grosso.

É possível encontrar denúncias à Marcha Para Oeste com relação ao seu ideal de progresso. Essas declarações são apresentadas de forma latente no livro intitulado “Barra do Garças no Passado”.

Hoje não existe mais as tradicionais alvoradas e os festejos do Padroeiro Santo Antônio passam quase despercebidos, apesar do grande esforço do vigário da Paróquia e da ação dos cursilhistas, em abrilhantá-los.
A falta de originalidade foi devastada pela chamada “marcha do progresso” que se tornou responsável pela morte do folclore regional e das vivências e costumes⁵¹.

É possível inferir que Varjão apoiava o ideal de Getúlio Vargas iniciado pela Marcha, no entanto, em suas narrativas percebemos um sentimento de dominação. Os funcionários da Fundação Brasil Central reconheciam-se como civilizadores do sertão, e pensavam ser os responsáveis por introduzir os costumes “modernos” nas sociedades sertanejas. No capítulo intitulado “Falência dos Costumes” da terceira parte do livro, o autor acusa:

⁴⁹EQUIPE ROTA BRASIL OESTE. Valdon Varjão. 03 mai. 2001. Disponível em: <http://www.brasiloste.com.br/noticia/1288/valdon-varjao>. Acesso em 28 mai. 2010.

⁵⁰ VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças no Passado**. Brasília: [s.n.], 1980, p. 55.

⁵¹ *Idem*, p. 131.



A degeneração de costumes foi alcançada com a tal chamada evolução. Foram os “pilantras” recrutados pela Fundação Brasil Central que em aqui chegando e por terem residido nos grandes centros, apesar de muitos serem moleques de morros e favelas, que avacalharam as festas, entrando sem serem convidados, usando “bombachas” ou calças fardoestas como trajes de passeio, intitulando-se “doutores”, deles até que nunca possuíram ternos ou paletós.

[...]

Acontece que os intrujões da FBC, como eram conhecidos os funcionários subalternos da Fundação, que sem costumes achavam que devia esculhambar as tradições da terra, organizaram uma leva de uns 10 e entraram na festa da casa do “Sinhozinho”.

[...]

Por isso é que se diz que a “Marcha do Progresso” acaba com as tradições⁵².

Podemos associar o processo colonizador da Marcha para Oeste à expansão marítima européia. A Europa considerava que as sociedades “tradicionais” deveriam ser modernizadas por ela. Através da colonização, a modernidade levaria uma proposta de emancipação. No entanto, esse ideal foi percebido pelo colonizado como dominação política, cultural e intelectual. As sociedades ditas modernas, com seu discurso de que tal modelo seria o mais desenvolvido, se sentiam no dever de subjugar outras que tivessem modos de vida diferenciados⁵³.

Naquela época, havia na região uma população mista. Lima Filho faz um estudo sobre a memória dos trabalhadores da Marcha para Oeste e classifica a população em três grupos. No primeiro grupo, duas categorias são equivalentes: “bandeirante e pioneiro, como condutores do estandarte da prosperidade, dos valores morais, éticos e da civilização” estão situados no topo da pirâmide. No segundo plano, estão outras duas categorias que se equivalem: “índios e sertanejos: bárbaros e decadentes, humanidade por completar-se”. Por último, no plano mais inferior, estão os garimpeiros, “tida como uma população flutuante de fracassados”⁵⁴.

Com outro olhar, Valdon Varjão também distingue a população em grupos. Segundo ele, os sertanejos, denominados por ele de “sertanejos centro-oestinos” são pessoas dedicadas à agricultura e pecuária, evitam o contato com centros urbanos. Já os garimpeiros

⁵² *Idem*, p. 207-208.

⁵³ DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais**. 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLASCO, 2005.

⁵⁴ LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **O Desencanto do Oeste: memória e identidade social no Médio Araguaia**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2001, p. 27.



são os pioneiros⁵⁵, que não são invisíveis, mas sim “visionários que vivem no signo da esperança”⁵⁶. Os indígenas são narrados por Varjão como elementos que dificultavam a ação da garimpera. Ele dedica um capítulo do livro “Barra do Garças no Passado” para os Xavante do Rio das Mortes. O capítulo tem como título: “Mártires dos Xavantes” e conta a história dos missionários que foram “apaziguar a rudeza nativa dos silvícolas renitentes”⁵⁷. Os mártires a que ele se refere são dois padres que foram mortos por xavantes: João Fucks e Pedro Sacilotti no dia 1º de novembro de 1934.

3. Literatura Local e Memória Coletiva

A literatura local pode ser utilizada como entrada para se compreender a formação de um lugar. Para Cintya Rodrigues, as literaturas locais são campos privilegiados da construção desses lugares.

Nelas se pode verificar a inscrição do ‘sentido do próprio’ e ver atuar, por meio de processos específicos da construção de textos, um conjunto de relações dos sujeitos envolvidos, os escritores locais, nos espaços definidos por suas trajetórias e escrituras⁵⁸.

Quando escreve, Valdon Varjão busca preservar uma memória através de uma especificidade cultural, valorizando acontecimentos e a cultura do lugar. Nas obras, ele destaca o povoamento, os grupos pioneiros, os costumes, as festas, a geografia física; e, também, o rio Araguaia. Ao fundar a Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro Oeste, o escritor assume o ofício de circular os saberes dos lugares através de suas narrativas. Dessa forma, a atuação desse escritor e a sua trajetória possibilitam aproximá-lo de outros escritores locais já retratados noutros estudos⁵⁹, cuja característica fundamental reside no

⁵⁵ Diferentemente do que foi apresentado em estudos sobre Nova Xavantina, em que se considera pioneiro os funcionários da Fundação Brasil Central, ao ler as obras de Varjão, percebe-se que ele se refere aos e garimpeiros e sertanejos como pioneiros da região do Garças e Araguaia.

⁵⁶ VARJÃO, Valdon. **Balisa: Eféreas Reminiscências**. Brasília: [s.n.], 1981, p. 57.

⁵⁷ VARJÃO, Valdon. **Barra do Garças no Passado**. Brasília: [s.n.], 1980, p. 137.

⁵⁸ RODRIGUES, Cintya Maria Costa. **Histórias Sobre Lugares, Histórias Fora de Lugar?: os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás**. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2006, [s. p.]

⁵⁹ Cintya Rodrigues trata sobre literaturas locais referentes ao sudoeste de Goiás como espaço simbólico, e tem o objetivo de compreender a construção desse espaço. A autora privilegia os escritores locais porque eles se envolveram “em processos de construção de referências culturais definidoras de seus espaços de vida e história” (RODRIGUES, 2006, p. 10).



relacionamento construído com a comunidade no processo de construção da literatura e participação na cultura local.

Nos seus livros, através de testemunhos e documentos, ele narra versões da história de fundação, os festejos, os acontecimentos políticos e pessoas. Segundo Maurice Halbwachs, os depoimentos e documentos são importantes na medida em que ajudam a formar o quadro de lembranças, pois esse conjunto de testemunhos funciona como uma semente que germina uma lembrança mais consistente. A lembrança individual se relaciona à memória dos outros e o indivíduo recorda-se dos acontecimentos como membro de uma comunidade afetiva.

Halbwachs afirma ainda que as imagens espaciais, que recebem a marca do grupo, exercem um papel de permanência e estabilidade na constituição da memória. Segundo ele,

... não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço (...) que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça⁶⁰.

Varjão transforma uma lista de acontecimentos em eventos espetaculares possuidores de um significado, com isso, eles são passíveis de análise. Uma vez que eventos históricos são inseridos num enredo e num tipo de estória escolhidos pelo escritor, este concede aos acontecimentos uma simbologia⁶¹. De acordo com Certeau, “o espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam. (...) Em suma, o *espaço é o lugar praticado*”⁶². Ao selecionar e organizar os lugares em sua narrativa, Varjão realiza o que Certeau chamou de relato de espaço. Em suas escrituras, Valdon Varjão se refere a lugares, objetos, espaços, diversos pontos da cidade e da região para transmitir as lembranças de modo que elas sejam reconhecíveis à coletividade. Em duas obras, “Barra do Garças: um pouco de sua história” e “Janela do Tempo: homenagem ao passado”, Varjão

⁶⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 170.

⁶¹ WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Contemporânea da História. **RH – Revista da História**, n. 2/3. Primavera, 1991. IFCH/Unicamp. p. 47-89.

⁶² CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 13ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 202.



insere vários desses lugares e os transforma em espaços de memória. Alguns deles elencados aqui:

1) Pedra S. Arraya: marco inicial de Barra do Garças, está situada no Porto dos Pioneiros, especificamente na Praça Domingos Mariano. Segundo o autor, dentro dela há uma garrafa cheia de diamantes enterrada pelos primeiros garimpeiros da região e em sua superfície há marcas circulares parecidas às dos povos pré-colombianos.

2) Parque da Serra Azul: situado a quatro quilômetros do centro da cidade, dentro dele está o marco do centro geodésico do Brasil. Nele também estão outros pontos de memória coletiva, como o discoporto – construído através de um projeto de lei formulado por Valdon Varjão em seu último mandato enquanto vereador de Barra do Garças; o discoporto foi construído para receber os tão falados discos-voadores⁶³ – e o mirante do Cristo “de onde se descortina toda a cidade e o encontro dos rios Garças e Araguaia, um verdadeiro convite à emoção”⁶⁴.

3) Rio Araguaia: “No passado, serviu de entrada para os pioneiros, de palco para os garimpeiros de diamantes e de cenário para a guerrilha do Araguaia”⁶⁵.

4) O primeiro cinema mudo, fundado por Fleury Belém. Antes de começar os filmes, Fleury fazia anúncios de propaganda, como também de falecimento e outros fatos locais.

Assim como os documentos, testemunhos e narrativas orais, os lugares e as imagens refletem a memória coletiva. O grupo adapta os espaços a seus hábitos, e ao trazer esses espaços para a narrativa, o escritor torna a lembrança mais viva e familiar para os membros da comunidade.

Para Walter Benjamin⁶⁶, o narrador é um sábio que adquiriu conhecimento através de sua trajetória e de relatos que apreendeu. Ele, então, distribui essa sabedoria em forma de conselhos, narrando as experiências para a comunidade local, formando uma memória coletiva. O modo como Valdon Varjão expressa suas narrativas está relacionado ao que Rodrigues denomina de “escritores locais”, ou seja, pessoas que vivenciaram experiências

⁶³ Há relatos de que o objetivo era construir mais um ponto para incentivar o turismo ligado aos mitos em Barra do Garças.

⁶⁴ VARJÃO, Valdon. **Janela do Tempo: Homenagem ao passado**. Barra do Garças: [s.n.], 2000, p.16.

⁶⁵ *Idem*, p. 17.

⁶⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Textos Escolhidos**. 2ª ed. São Paulo: Victor Civita, 1983.



locais e bebem na oralidade da comunidade para fundamentar suas escrituras⁶⁷. Essas literaturas podem ser pensadas, então, como “um trabalho feito em conjunto, uma vez que a narração pede também um ouvinte, ele mesmo um potencial narrador para contar novamente as histórias”⁶⁸.

4. Considerações Finais

Para Milton Hatoum⁶⁹, os romancistas “mantém certos laços de parentesco com a antropologia”, os escritores podem ser pensados como “antropólogos imaginosos, livres das amarras teóricas e de estudos de campo (...) ambos falam do Outro e elaboram um discurso sobre a alteridade”. Do mesmo modo Clifford⁷⁰ afirma que a antropologia não se distingue de outras escritas em seu sentido mais amplo, ela é um gênero da escrita como outro qualquer.

As obras de Valdon Varjão podem ser inseridas no grupo que compõe os romances nacionais da década de 1930, pois se trata de um escritor que tenta trazer certa objetividade aos seus textos através da apresentação de cópias de documentos como decretos, cartas, fotografias e atas.

Varjão possui uma trajetória de ascensão social, o que possivelmente produz contradições em sua obra. Sua biografia se inicia como negro filho de garimpeiro⁷¹ e lavadeira que teve infância carente. No entanto, ao longo de sua vida ele passa a exercer cargos públicos e chega a ser Senador da República, como suplente de um senador biônico. Essa contradição é refletida em sua literatura. Ao mesmo tempo em que Varjão narra crenças, costumes e festas populares, ele valoriza certos personagens políticos pertencentes à elite barra-garcense.

⁶⁷ RODRIGUES, Cintya Maria Costa. **Histórias Sobre Lugares, Histórias Fora de Lugar?**: os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2006.

⁶⁸ JACINTO, Andréa B.M. J. **Margens escritas: versões da Capital antes de Brasília**. Tese (Doutorado) – PPGAS, Brasília: Editora da UnB, 2003, p. 140.

⁶⁹ HATOUM, Milton. Laços de Parentesco: ficção e antropologia. In: PEIXOTO, Fernanda Áreas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 135.

⁷⁰ CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

⁷¹ Ao ler as obras de Varjão é possível perceber que ele se reconhece como garimpeiro do Araguaia.



Através de uma pesquisa nos arquivos do jornal “A Gazeta do Vale do Araguaia” foi possível perceber que Varjão é reconhecido como político e escritor da região. Como por exemplo, no jornal de n.º. 729, ano XVII (11 a 17 de junho de 2004) há uma página colorida reservada para homenagear Varjão. A reportagem se intitula como: “Varjão, um líder político que procura dar nome a Barra do Garças”, neste artigo a escritora apresenta os feitos de Varjão enquanto vereador, prefeito, deputado e senador. Já na edição seguinte do jornal (18 a 24 de junho de 2004), há outra página em cores com fotos que enfoca Varjão como escritor, a reportagem se intitula: “Homenagem ao personagem literário Valdon Varjão”. Neste artigo, Catarina Tavares elenca os livros escritos por Varjão e faz uma cronologia da vida dele apresentando seus atos enquanto escritor local. Segundo ela, Varjão foi membro da Academia Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Academia Paulistana de História e da Academia Anapolina de Filosofia, Cultura e Letras; fundou a Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro-Oeste e criou e editou a revista Gazeta Magazine.

Portanto, percebemos que Varjão possui uma trajetória que se transforma e essa mudança é repercutida em suas obras. Segundo Edward Said⁷² (2005), as narrativas escritas são moldadas pelos acontecimentos da época e pela situação que se está vivenciando. Para ele, o sentido histórico permite que o escritor escreva a partir de seu lugar no espaço e no tempo. Ao narrar, o escritor transmite todas as suas experiências, com isso, seus escritos são influenciados por todos os acontecimentos em que ele participou no passado.

⁷² SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. 2ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2005.



5. Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Textos Escolhidos**. 2ª ed. São Paulo: Victor Civita, 1983.

BORGES, Heloisa Helena de Campos. **O Romance em Goiás: Construção e Singularidades do seu processo narrativo**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG, 1986.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 13ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. **Tempo imperfeito: uma etnografia no arquivo**. Mana, Rio de Janeiro, v. 10, n.02, p. 287-322, out. 2004.

DINIZ, Zélia dos Santos. **Conhecendo Barra do Garças**. 2ª Ed. Barra do Garças, MT: Gráfica Multicor, 2005.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais / compilado por Edgardo Lander**. 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLASCO, 2005.



EX-SENADOR Varjão envolvido em disputa por cartório em Barra. **Diário de Cuiabá**. Cuiabá, MT, n. 10057, 04 set. 2001. Disponível em <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=66864> . Acesso em 20 maio 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HATOUM, Milton. Laços de Parentesco: ficção e antropologia. In: PEIXOTO, Fernanda Áreas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

JACINTO, Andréa B.M. J. **Margens escritas: versões da Capital antes de Brasília**. Tese (Doutorado) – PPGAS, Brasília: Editora da UnB, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **O Desencanto do Oeste: memória e identidade social no Médio Araguaia**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2001.

MACÊDO FILHA, Maurides Batista de. **A Trajetória do Diamante em Goiás**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG. Goiânia, 1990.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Literatura e Poder em Mato Grosso**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.

NASCIMENTO, Maria das Graças Silva. **Valdon Varjão: O escritor e sua obra**. Barra do Garças: [s.n.], 1998. 58 p.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.



RODRIGUES, Cintya Maria Costa. **Histórias Sobre Lugares, Histórias Fora de Lugar?: os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás.** Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2006.

EQUIPE ROTA BRASIL OESTE. **Valdon Varjão.** 03 mai. 2001. Disponível em: <http://www.brasiloste.com.br/noticia/1288/valdon-varjao> . Acesso em 28 mai. 2010.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo.** 2ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

TAVARES, Catarina. Homenagem ao personagem literário Valdon Varjão. **A Gazeta do Vale do Araguaia**, ano XVII, n. 730, p. 07, 18 a 24 de Jun., 2004.

VARJÃO, Valdon. **Aragarças: Portal da Marcha para Oeste.** Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989.

_____. **Balisa: Etéreas Reminiscências.** Brasília: [s.n.], 1981.

_____. **Barra do Garças: Migalhas de sua História.** Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

_____. **Barra do Garças no Passado.** Brasília: [s.n.], 1980.

_____. **Barra do Garças: Um pouco de sua História.** Barra do Garças: [s.n.], [199-?].

_____. **Epopéia dos Sertões.** Brasília. Senado Federal, Centro Gráfico, 1993.

_____. **Garimpeiros: Visionários da Esperança.** Brasília: Centro Gráfico, 1987.

_____. **Janela do Tempo: Homenagem ao passado.** Barra do Garças: [s.n.], 2000.

_____. **Negro Sim, Escravo Não.** Brasília: [s.n.], 1980.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2010
www.veredasdahistoria.com

Ano III - Ed. 1 - 2010
ISSN 1982-4238

_____. **O Garimpeiro: Poemas.** Barra do Garças: Cartório do 1º Ofício, 1997.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.

WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Contemporânea da História. **RH – Revista da História**, n. 2/3. Primavera, 1991. IFCH/Unicamp. p. 47-89.



www.veredasdahistoria.com